

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE GEOGRAFIA

(UFPE)

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

A GLOBALIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE INTERVIR NO COTIDIANO DAS AULAS DE GEOGRAFIA

Alexsandro Silva Souza¹, Josandra Araújo Barreto de Melo²

¹ *Graduando em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: alexsandrouepb@gmail.com.*

² *Professora Doutora do Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: ajosandra@yahoo.com.br*

Artigo recebido em 23/02/2013 e aceito em 23/05/2013

RESUMO

O estágio supervisionado obrigatório nos cursos de licenciatura tem a função de aproximar os licenciandos das escolas, possibilitando a obtenção de experiências que lhes garantam uma maior maturidade para a vida profissional, além de se constituir num campo de pesquisa que visa enriquecer a formação inicial e continuada, na medida em que os estagiários são orientados para propor alternativas que contribuam para a melhoria das aulas, através da efetiva união entre teoria e prática. Mediante o exposto, este artigo objetiva relatar e discutir algumas práticas vivenciadas e executadas durante o Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, no ano letivo de 2011, realizado numa escola da rede pública de ensino de Campina Grande – PB, onde se buscou, mediante projeto de intervenção, interferir na dinâmica escolar a partir da utilização de propostas de ensino que propiciassem aulas mais dinâmicas e interativas, com metodologias que despertassem os alunos para a pesquisa, além de mostrar-lhes formas alternativas de se aprender Geografia, sobretudo fazendo uso dos recursos disponibilizados no contexto da globalização, a exemplo de filmes e da internet, a partir da compreensão de sua crescente representatividade na sociedade atual. Os resultados da pesquisa mostraram maior desenvoltura na percepção dos alunos referente à leitura e a escrita geográfica, assim como na construção dos conceitos e compreensão das categorias analíticas da Geografia.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado em Geografia; Projeto de Intervenção; Planejamento didático; Território e Globalização.

THE GLOBALIZATION AS THE POSSIBILITY OF INTERVENE IN DAILY OF GEOGRAPHY LESSONS

ABSTRACT

The supervised stage required in graduation's course of teacher's formation has the aims of get the future teachers closer to the schools allowing them to obtain of experience that will ensure them a more professional maturity, beyond constitute a research field that aims to enrich the initial and continuing training, at the same moment the trainees are instructed to propose alternatives that contribute to the improvement of teaching through effective union between theory and practice. Furthermore this article aims to report and discuss the experience lived during the Supervised Training of graduation's course in Geography of Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, in academic year 2011, conducted in a public school web in the city of Campina Grande – PB, where it was sought by intervention project, intervene in school dynamics from the use of proposals that would provide more dynamic and interactive lessons, with methodologies aimed to awaken students to the research, and show them alternative ways to learn geography, mainly making use of available resources in the context of globalization, like movies and the internet, from the growing understanding of their representation in society today. The results showed a greater perception of students regarding the reading and writing geographical, as well in the construction of concepts and understanding of the analytical categories of Geography.

Keywords: Supervised Stage in Geography; Intervention Project; Teaching Planning; Territory and Globalization.

INTRODUÇÃO

A aproximação entre as instituições de Ensino Superior e Educação básica, seja através do estágio supervisionado ou dos projetos de extensão, são requisitos fundamentais para uma troca de conhecimentos entre ambas, garantindo superar o abismo existente, criado pelos mecanismos globais de alienação que fragmenta o ensino e tira-lhe o caráter social.

O estágio supervisionado obrigatório nos cursos de licenciatura tem a função de apresentar aos estagiários uma visão mais ampla do campo de atuação profissional nas escolas, possibilitando a obtenção de experiências que lhes garantam uma maior maturidade quando estes forem, de fato, ministrando aulas e se consolidando como educadores. Não se trata, conforme destaca Malysz (2007), dos professores das escolas conveniadas passarem aos estagiários receitas prontas de como lecionar, nem tampouco apresentarem “aulas maravilhosas”, mas representa uma contribuição para as suas inquietações e questionamentos.

Buscando um maior nível de aproximação entre teoria e prática, o estágio supervisionado deverá incluir, além das reflexões e discussões sobre as metodologias de ensinar e aprender Geografia, o conhecimento do espaço

escolar e das relações que no mesmo se processam, para que se coloquem as teorias em prática (SAIKI; GODOI, 2007, p. 27). Nessa perspectiva, fica claro o papel da pesquisa como sendo fundamental no processo de ensino-aprendizagem, estreitando as relações entre a universidade e a escola.

No curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, o estágio supervisionado, de caráter obrigatório, é oferecido a partir do quinto semestre, sendo realizado na rede escolar pública de ensino conveniada, que conta com escolas que disponibilizam turmas para a prática dos estágios, nos níveis do Ensino Fundamental e Médio.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix de Araújo está incluída nessa rede conveniada, recebendo anualmente estagiários que, enquanto pesquisadores, tem a possibilidade de tentar intervir nos problemas do ambiente escolar, como foi o caso deste projeto de intervenção realizado na referida escola. Segundo Leandro, Oliveira e Melo (2010):

A pesquisa nas escolas-campo de estágio busca desenvolver nos estagiários um olhar crítico e reflexivo sobre a realidade escolar, buscando identificar lacunas na própria formação, bem como potencialidades e elaborar propostas conjuntas de intervenção (...) (p. 4).

Dessa forma, a pesquisa desenvolvida nos estágios visa enriquecer a formação dos estagiários, mostrando a

necessidade da continuidade e reconstrução do conhecimento, e propor alternativas que intervenham e contribuam no cotidiano escolar, através da efetiva união entre teoria e prática, tornando pertinente que essa tarefa não seja apenas “uma etapa burocrática de sua formação inicial” (LEANDRO et al, 2009, p. 6).

Nesse sentido, o projeto de intervenção realizado na E.E.E.F.M. Félix Araújo buscou alterar a realidade em que se encontravam as aulas de Geografia da turma de 9º ano “A”, através da contemplação das necessidades e vontades dos alunos referentes às questões que envolvem a aprendizagem dos conteúdos de Geografia, face às dificuldades da escola.

Para a execução da intervenção na escola tornou-se necessário a junção entre as teorias discutidas no decorrer dos anos letivos do curso de Licenciatura em Geografia, sobretudo na área didático-pedagógica do curso, no sentido de possibilitar aos estagiários o conhecimento do espaço escolar e efetuar na prática os conhecimentos adquiridos na sala de aula, além da ideia de aplicar a metodologia de projetos na escola, pois de acordo com Meloni (2009) “(...) a metodologia de Projetos no cotidiano escolar possibilita tanto ao professor como ao aluno um aprofundamento do conhecimento sobre o assunto abordado” (ibidem, p. 400).

Pelo exposto, este artigo objetiva relatar a experiência de estágio supervisionado e a implementação do projeto de intervenção na escola mencionada. Tal projeto, por sua vez, teve como objetivos oferecer subsídios que auxiliassem aos alunos na construção dos conceitos geográficos, fazendo uso das técnicas difundidas pelo fenômeno da globalização, a partir dos aspectos do cotidiano dos alunos e dos reflexos sobre o contexto local. A utilização do áudio visual, da orientação de consultas a *sites* confiáveis na *internet* e o incentivo ao desenvolvimento da escrita sobre a temática, também fizeram parte dos objetivos do projeto.

A GLOBALIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE INTERVIR NAS AULAS DE GEOGRAFIA

A busca por um ensino de Geografia vinculado ao cotidiano dos alunos, que cause motivação e desperte o interesse para a disciplina, é uma questão muito discutida atualmente, além de estar em consonância com os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tornando-se um desafio que coloca em evidência a própria forma de ensinar do professor.

Como então ensinar Geografia partindo desse princípio? Como incorporar

o cotidiano dos alunos nas aulas? Entende-se que um diálogo aberto entre professor e alunos torna-se importante na sala de aula para se ter um melhor trabalho e garantir a troca de conhecimento e respeito entre ambos. Muitas vezes, os alunos entendem o assunto, mas estão cansados da monotonia das aulas e são impedidos de se expressar pelo autoritarismo dos professores.

Para se trabalhar nas aulas um conceito tão complexo como a Globalização, torna-se necessário a utilização de novas metodologias, linguagens, tecnologias, principalmente as informacionais, trazendo exemplos concretos do cotidiano que possibilitem maior capacidade de abstração dos alunos, garantindo a conceituação a partir de suas experiências.

Como enfoca Santos (2007), a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista e deve ser entendida como um fenômeno social, político e econômico que permeia todas as classes de poder, sendo encontrada nas mais diversas esferas da sociedade. Esse processo afeta, de maneira significativa, o desenvolvimento da sociedade, no sentido de padronizar a cultura e destruir os modos de vida mais tradicionais, podendo ser considerada perversa (ibidem, p. 24).

Mas apesar desse caráter perverso, tal processo se manifesta através de um avançado sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária, com reflexos sobre a evolução nos transportes e comunicações que, por sua vez, implicam em troca de conhecimentos, na interligação das culturas, na constante sofisticação das técnicas, a possibilidade de criticá-las, etc. Nesse contexto, entende-se que a globalização e suas possibilidades têm que serem tratadas no ambiente de sala de aula, de forma a que a escola acompanhe as transformações em curso na sociedade.

Adicionalmente, a temática da globalização deve ser tratada no ambiente da escola de forma a garantir a troca e o fomento do conhecimento entre os lugares do Planeta, além de oferecer muitos artefatos tecnológicos que podem ser utilizados como recursos no processo de ensino-aprendizagem.

A fragmentação do mundo pós Guerra Fria possibilitou o desenvolvimento das técnicas da informação e abriu os olhos da sociedade para um novo período de avanços no conhecimento científico. A popularização dos conhecimentos sobre o Planeta visto dos satélites, que antes era restrita as forças militares, permitiu a humanidade

avançar em um nível de consciência sobre sua atuação no espaço terrestre.

A globalização pode ser estudada também a partir das características locais, próximas aos indivíduos: a própria vivência dos alunos é um grande exemplo, pois estes se utilizam de diversos mecanismos técnicos para manter relações com o mundo, como acontece nas redes sociais virtuais. Dessa forma, torna-se inadmissível o desconhecimento do conceito frente às múltiplas realidades geradas.

A realidade força a conhecer o mundo através da vivência, das experiências, embora que, muitas vezes, passe despercebido certas conceituações do que realmente existe no mundo. Para a psicologia cognitivista, qualquer ser humano que percebe a realidade é capaz de abstrair conhecimento através das funções centrais do cérebro, que organiza em conteúdos as informações para então utilizá-las no seu dia-a-dia (BOCK, 2002, p. 115).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Callai (2001) diz que:

O aluno é um ser histórico que traz consigo e em si uma história, e um conhecimento adquirido na sua própria vivência. O desafio é fazer a partir daí a ampliação e o aprofundamento do conhecimento do seu espaço, do lugar em que vive, relacionando-o com outros espaços mais distantes e até diferentes. Como fazer isto é a grande questão (ibidem, p. 136).

Há de se questionar e redefinir o conteúdo que se quer apresentar aos

alunos, primeiramente buscando saber qual o objetivo de apresentar tal conhecimento, sua relevância quanto papel para a formação da cidadania e contribuição na vida do aluno. Essa crítica a realidade só é possível através de um bem elaborado planejamento que possa contribuir não só para o aluno, mas garantir um trabalho prazeroso ao professor.

Torna-se necessário então o professor, juntamente com os alunos, “se colocar como sujeito do processo educativo” (VASCONCELLOS, 1999, p. 39), para alcançar a transformação e os objetivos que se busca. Ainda segundo o autor, é importante que exista um querer relativo à necessidade, vontade, desejo, e um poder, relativo à capacidade ou possibilidade de agir, saber fazer, recursos materiais e políticos. Tornando-se necessário que:

O professor precisa interromper o cruel processo de imbecilização, de destruição a que vem sendo submetido. Precisa resgatar como autor, como sujeito, como ser autônomo, para, enfim, resgatar sua dignidade. E o planejamento pode ser um valiosíssimo caminho para isto, pois ajuda a superar o processo de alienação (...) (ibidem, p. 41).

Segundo o autor, muitos professores descartam o planejamento das aulas e acabam dando de qualquer forma os assuntos. Isso gera problemas tanto na organização do trabalho do educando como no entendimento do alunado.

Pensando em uma maneira adequada para o entendimento do conceito de globalização, foi planejada para execução durante o projeto de intervenção uma aula que discutisse sobre os elementos mais comuns do dia-a-dia dos alunos, como a necessidade do uso da televisão, do celular, do computador, da internet, e como o sistema globalizante nos força a utilizá-los sem questionamento. Foi mostrado como todos esses elementos servem para nos conectar ao mundo e como é comum sua presença no cotidiano das pessoas.

O estudo do lugar também foi incluído no projeto quando se tentou demonstrar o quanto o mesmo é permeado pela globalidade, pois “um lugar é a reprodução, num determinado tempo e espaço, do global, do mundo” (CALLAI, 2000, p. 107). Sendo assim, pôde-se utilizar Campina Grande como exemplo de uma cidade-lugar-global, no sentido de que ela é atualmente referência mundial na produção de *softwares*, altamente fornecedora de conhecimentos tecnológicos na área de informática para todo o Planeta. Como também o foi na década de 1930, quando era uma das maiores exportadoras de algodão do mundo e tinha toda uma rede de países espalhados no mundo dependente de sua matéria prima.

Com esse recorte espacial, também foi possível analisar o quanto a globalização é seletiva nos lugares, procurando as particularidades que tem a oferecer ao desenvolvimento do capitalismo, em conformidade com o pensamento de Callai (2000), quando afirma que “o conhecimento e a compreensão das particularidades dos vários lugares pode ser o caminho para se compreender o global (...)” (ibidem, p. 118).

Com essa afirmação, a autora não defende a teoria dos círculos concêntricos para a construção do conhecimento, mas a inter-relação entre as escalas local, regional, planetária, sem uma hierarquização entre as mesmas, mas enquanto complementaridade, a partir da compreensão de que o que ocorre em escala local, por exemplo, é reflexo de acontecimentos mais amplos ocorridos em escalas mais abrangentes, e assim por diante. **O vídeo e a informática como recursos didáticos para intervir no ensino de Geografia**

A percepção das mudanças ocorridas no ensino a partir do advento da globalização, da regionalização do espaço e da revolução técnico-científico-informacional, onde a maior fluidez do conhecimento e da informação ocorre na forma midiática, torna-se importante trabalhar a questão da utilização de novas

metodologias e recursos didáticos para acompanhar o progresso do desenvolvimento tecnológico que a cada dia se mostra mais complexo.

As metodologias de ensino devem ser repensadas de forma a considerar não só a disponibilidade técnica de recursos para o seu desenvolvimento, mas como, quando e a quem devem ser aplicadas. Devendo, então, o professor fazer um estudo prévio sobre a turma e diagnosticar alguns detalhes, como por exemplo, o nível de maturidade dos alunos para que ocorra aprendizagem dos conteúdos a serem ministrados. Segundo Vieira e Sá (2007), tem que se respeitarem os objetivos a que se almeja, bem como as características das turmas: quantidade de alunos, seu perfil, expressões, sentimentos, grau de entendimento etc..

É notável o problema que a educação brasileira enfrenta no que se refere a carência de leitura pelos alunos, podendo o vídeo ser utilizado para amenizar essa falta, já que o seu uso é tão comum no cotidiano das pessoas e também por ele ter uma gama tão vasta de tipos e formatos. Com isso, não se está aqui defendendo a substituição da leitura por tal recurso, mas a complementaridade, até porque se está propondo uma forma alternativa de leitura para minimizar os danos decorrentes da falta de prática de

leitura de livros, jornais ou até mesmo da própria *internet*.

Isso se justifica no fato da leitura não se resumir apenas na utilização de páginas em papel. O sujeito que busca conhecimento é tão subjetivamente levado a compreender a realidade que qualquer fenômeno pode ser lido ou descrito em várias perspectivas. O vídeo consegue despertar o olhar de cada indivíduo sobre um dado objeto sem mudar a essência do mesmo, dependendo apenas de uma orientação prévia do professor no sentido de relacioná-lo ao conhecimento do assunto tratado.

Lembrando que para a utilização do vídeo torna-se necessário que o professor conheça o grau de raciocínio da sua turma, de forma que o vídeo escolhido tenha uma mensagem capaz de ser compreendida e analisada. Outro fator também importante é a questão do tempo de exibição e da disponibilidade destes recursos na escola, pois um vídeo longo demais acaba por dispersar a atenção dos alunos, tendendo à indisciplina, assim como a falta de infraestrutura de som e vídeo pode atrapalhar na utilização deste recurso. Portanto, “(...) a utilização de filmes deve ser cuidadosamente planejada (...)” (VIEIRA; SÁ, 2007, p. 105).

Nessa perspectiva, os curtas-metragens são importantes para transmitir uma mensagem em pouco tempo. Filmes

como o “G 20”, “A História das coisas”, “A crise”, “O Embrião” são interessantes e didáticos para discutir a questão social do consumo, do especismo, da política, da evolução da vida e dos impactos socioambientais causados pela atual sociedade capitalista, já que são filmes com menos de 20 minutos de duração e o uso de dois desses em sala de aula é interessante para o aluno relacioná-los e apresentar uma crítica pessoal a esse respeito.

Há muitas possibilidades da utilização da informática como recurso pedagógico, entre eles estão os jogos didáticos de memorização e raciocínio lógico, vídeos, desenhos, *softwares* como o *Google Earth*, grupos de discussões, blogs etc., que podem ser encontrados facilmente na *internet*, podendo ser utilizados para o aumento na eficiência e na qualidade do ensino, tornando-se indispensável para estudar os conteúdos de Geografia atuais, como a leitura de paisagens em três dimensões, mapas digitais, *cyberculturas* etc., além de ser ferramenta que ajuda na organização e informação de dados.

Por outro lado, observa-se que, cada vez mais, as pessoas tendem a ter acesso a essa ferramenta mais cedo em suas vidas. O problema é como esta está sendo utilizada e quais critérios são

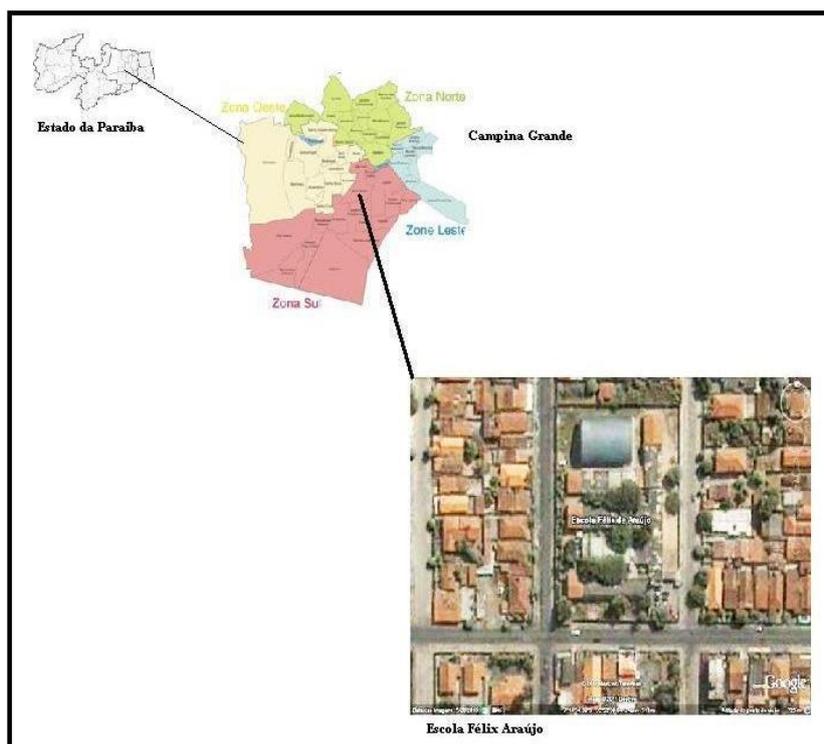
definidos para o seu uso, principalmente os alunos. A questão é identificar as formas de uso adequadas que contribuam para solucionar os problemas da educação.

A utilização do vídeo e da informática como ferramentas didáticas de ensino/aprendizagem torna-se quase obrigatório na realidade atual, pois como se está no espaço/tempo da informação e do conhecimento, tais ferramentas são indispensáveis no sentido de dinamizar as aulas ministradas pelo professor e favorecer um melhor caminho para atingir os objetivos voltados à aprendizagem dos alunos, garantindo uma construção e reprodução de visão de mundo para a formação de cidadãos participativos e estimulados.

CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA E DIAGNÓSTICO DO ESPAÇO ESCOLAR

A escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo, fundada em 10 de janeiro de 1966, com o nome de “Colégio Estadual da Liberdade”, localiza-se na zona sul da cidade de Campina Grande, PB, no bairro da Liberdade, entre as coordenadas geográficas de latitude 7°14'34" S e longitude 35°53'38" O. (Figura 1).

Figura 1: Localização da Escola E.E.F.M Félix de Araújo



Fonte: *Google Earth*, 2010. Adaptado por Alexandro S. Souza.

Até o final da década de 1990, a escola somente oferecia as séries do Ensino Fundamental, sendo então ampliado para oferecer o Ensino Médio, em meados dos anos 2000. Em 2007, a escola foi reformada e ampliada com recursos do tesouro do Estado e de outros órgãos, sendo construídas mais salas de aula, ginásio para a prática de esportes, salas equipadas com laboratório de informática, multimídia, máquinas de impressão de documentos, biblioteca, banheiros, jardins, estacionamento, etc., tendo a Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (SUPLAN) como órgão executor.

A estrutura física (Figura 2) apresenta-se distribuída em

estacionamento, pátio com palco, corredores que dão acesso às várias salas, quadra de esportes, jardins com algumas árvores de médio a pequeno porte e cozinha.

Segundo dados levantados na pesquisa, atualmente na escola estão matriculados aproximadamente 2.060 alunos, sendo estes residentes nas comunidades dos bairros do Tambor, Jardim Paulistano, Cruzeiro, Distrito Industrial, Presidente Médici, Quarenta, Bodocongó e da própria Liberdade, bairro de classe média, tendo índices de violência considerados altos em seu entorno, segundo relatos de professores e alunos.

Figura 2: Aspectos da estrutura física da E.E.E.F.M. Félix Araújo



Fonte: Pesquisa de campo realizada por Alexandro S. Souza

Segundo dados levantados na pesquisa, atualmente na escola estão matriculados aproximadamente 2.060 alunos, sendo estes residentes nas comunidades dos bairros do Tambor, Jardim Paulistano, Cruzeiro, Distrito Industrial, Presidente Médici, Quarenta, Bodocongó e da própria Liberdade, bairro de classe média, tendo índices de violência considerados altos em seu entorno, segundo relatos de professores e alunos. Há certa limpeza no interior da escola, onde há vários lixeiros espalhados e funcionários cuidando desta atribuição. Na parte exterior, apresenta-se certo descuido com o jardim e com o destino dos resíduos sólidos (Figura 3).

Os banheiros se apresentam deteriorados e as paredes da escola possuem várias pichações, muitas delas com símbolos pornográficos. Algumas salas de aula apresentam sérios problemas com relação à segurança com a parte elétrica (Figura 4).

Segundo entrevistas informais realizadas com os gestores, há um Plano Político Pedagógico P.P.P., elaborado no ano de 2009, mas que está em fase de reformulação para se adequar as novas conjunturas da escola. Após algumas pesquisas no referido documento da escola, cabe aqui mostrar parte do texto que trata da “finalidade da escola”:

A escola oferece aos alunos uma educação com base nos princípios emanados pela constituição Federal, Estadual, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e

do Estatuto da criança e do adolescente. Nesse ambiente escolar está diretamente ligado o ensino fundamental e médio observando em cada caso a legislação e as normas especificamente aplicáveis. Sendo assim, o projeto é tomado aqui no sentido de um conjunto, articulando propostas e ações delimitadas, planejadas, executadas e avaliadas em função de uma finalidade que se pretende alcançar e que é previa representação simbólica dos valores a serem efetivados, para tanto a escola projeta as seguintes finalidades:

- Integração: buscamos o trabalho em equipe, visando a participação de todos no

compromisso de oferecer uma educação de qualidade.

- Criatividade: apoiamos e promovemos as inovações em busca de novas formas de aprendizagem com incentivo e determinação.

- Competência: procuramos prestar um serviço eficaz e coerente com as necessidades da comunidade escolar.

- Responsabilidade: trabalhamos conscientes do nosso dever na formação de cidadãos. (Escola Félix Araújo, Projeto Político Pedagógico, 2009).

Figura 3: Presença de resíduos sólidos na área externa da escola



Fonte: Pesquisa de campo realizada por Alessandro S. Souza.

Figura 4: Problemas detectados no ambiente da escola



Fonte: Pesquisa de campo realizada por Alessandro S. Souza.

A partir dos pressupostos do P.P.P., a escola funciona nos três horários

(Manhã, Tarde e Noite) e dispõe de 18 salas de aula por turno, sendo que no

período noturno destina-se, principalmente, a modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos), mas comporta também as séries do Ensino Médio “regular”.

Diagnóstico da turma 9º ano “A” e da dinâmica das aulas de Geografia

Nas duas primeiras semanas do estágio, foi observado o cotidiano das aulas de Geografia na turma-objeto de estudo, buscando perceber a metodologia utilizada pelo professor titular, bem como as maiores dificuldades e necessidades dos alunos no que se refere ao entendimento e conhecimento dos assuntos pertinentes a matéria de Geografia. Nesta ocasião também foram aplicados questionários para diagnosticar dados pessoais dos alunos, possibilitando elaborar o perfil de cada um deles, assim como suas opiniões em relação ao ensino da disciplina de Geografia.

No primeiro momento do estágio, percebeu-se uma sala bastante lotada, barulhenta, pouco ventilada e pequena em relação à quantidade de alunos. A turma possui 49 alunos, divididos por gênero em: 18 masculinos e 31 femininos.

A distribuição semanal das aulas de Geografia contempla o 5º horário da quarta-feira (10h15min.), o 2º horário da quinta-feira (07h45min.) e o 5º e 6º horários da sexta-feira (10h15min a 11h45min). Observou-se que no contexto

dessa distribuição do horário das aulas, os alunos ora se mostravam mais quietos e em outros momentos mais indisciplinados, devido às aulas serem algumas antes e outras depois do intervalo.

Através dos dados do questionário aplicado, percebeu-se que há certa heterogeneidade na idade dos alunos, variando entre os 13 e 16 anos, e ainda uma quantidade razoável de alunos que já foram reprovados em outras séries e também na série atual. Essas divergências são possíveis de serem consideradas como fatores de desarmonia no ambiente escolar.

Pôde-se constatar nas observações das aulas de Geografia ministradas pelo professor titular que as mesmas se enquadram no paradigma tradicional da Geografia, pautado no método tradicional de ensino em que, conforme interpretações de Luckesi (1994), os conteúdos são repassados seguindo conforme está no livro didático. Na verdade, constatou-se que todas as aulas eram ministradas com o uso de dois recursos: o livro didático e o quadro-negro, em algumas situações o professor fez uso do mapa-mundi. A postura apresentada tornava as aulas monótonas, sendo possível perceber o desinteresse dos alunos pelas mesmas.

A metodologia utilizada era centrada no professor, mediante exposição dos conteúdos e, apesar do mesmo possuir boa dicção, sempre permanecia estático e

não circulava pela sala. Em alguns momentos de indisciplina na sala, procurou impor autoridade, chegando a discutir, ameaçar e colocar alguns alunos para fora de sala, apesar de haver certo respeito e proximidade entre eles.

Constatou-se que o professor na apresentação dos conteúdos dava muita ênfase ao estudo da Globalização, porém sempre se utilizando de juízos de valor ao afirmar que ela é perversa e que traz malefícios ao homem. Essa observação de sala e das aulas do professor titular permitiu verificar que os alunos ainda possuíam grandes dificuldades na compreensão do conceito em pauta e no entendimento das categorias de análise geográficas, sendo preciso trabalhá-las partindo do cotidiano.

A partir desse diagnóstico, foi feito um levantamento bibliográfico para nortear a pesquisa com subsídios teóricos. Em seguida, buscou-se conhecer quais os recursos didáticos que a escola tinha a oferecer para a concretização do projeto, assim como diagnosticar se a turma possuía acesso à *internet* fora da escola.

O PROJETO DE INTERVENÇÃO EXECUTADO DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA TURMA DO 9º ANO DA E.E.E.F.M. FÉLIX ARAÚJO

Existem, na verdade, inúmeras possibilidades para se ensinar Geografia. Metodologias simples, quando bem utilizadas, fazem a diferença nas aulas. A exploração dos mínimos recursos disponíveis no ambiente escolar são alguns pressupostos para uma efetiva prática de ensino que traga resultados positivos. Nesse sentido, findadas as etapas de observação e diagnóstico, iniciou-se a de regência, onde se planejou para a turma do 9º ano “A” estratégias de intervenção no cotidiano escolar, visando melhorias no processo de construção dos conhecimentos, ou seja, chegou-se o momento de executar o Projeto de Intervenção.

Dentre as ideias resultantes do conhecimento prévio da turma, surgiu uma que possibilitou dar voz aos alunos: o uso da democracia. Pode-se chamar de procedimento de ensino democrático, quando os alunos são quem escolhem o método das aulas, os recursos e a forma de avaliação, mediante votação secreta. É bem verdade que isso foi possível através de um minucioso planejamento para que não causasse “desordem” na sala. Pois, de acordo com Vasconcellos (1999), “planejar significa antever uma forma possível e desejável” (p. 148). O desejo então foi o de colocar os alunos como agentes ativos no ensino-aprendizagem.

A ideia de dar voz aos alunos partiu da própria necessidade do estagiário frente aos problemas relacionados com o grupo do projeto, a quantidade dos conteúdos a serem ministrados e o tempo curto, pois vários foram os feriados e empecilhos no período do estágio que dificultaram a aplicação de outros procedimentos metodológicos.

Nesse direcionamento, nos encontros iniciais da etapa de regência, foram expostos para os alunos vários tipos de métodos de aulas, recursos disponíveis e formas de avaliação, sendo que o resultado, a partir da escolha dos alunos, ficou da seguinte forma: as aulas ministradas continuariam com os métodos expositivos e discursivos, porém utilizando-se como recurso auxiliar a sala de vídeo para o estudo de documentários e de curtas metragens concernentes aos conteúdos. A avaliação seria de forma contínua, contando com a participação de todos nas tarefas solicitadas, consistindo na correção de trabalhos e atividades que seriam realizados em grupos.

Os conhecimentos e habilidades da turma referente ao uso das tecnologias da informação, como a *internet*, redes sociais etc., foram decisivas para o andamento da execução do projeto, pois o contato com a turma foi pouco no segundo mês do estágio, tendo então as aulas mais um caráter virtual que mesmo presencial.

Apesar dos problemas anteriormente citados, a estratégia foi de criar um perfil na rede social *orkut* e *messenger* para manter a comunicação com os alunos, fornecendo materiais e tirando dúvidas.

Na turma alvo do projeto, o espaço físico da sala de aula serviu para mediar o conteúdo estudado sobre Território e compreender como são definidas as territorialidades e as relações de poder que ocorrem no cotidiano, sendo então colocadas fitas adesivas no chão da sala representando as fronteiras e formando pequenos territórios de grupos de alunos que têm certo grau de afinidades, mostrando-lhes como são divididos politicamente os espaços, de acordo com a intenção que se busca.

Procurou-se discutir, com esse exemplo, o conceito de Território a partir do próprio espaço da sala de aula, mostrando como as fronteiras dos Estados não estão apenas definidas politicamente, como são frágeis e que a qualquer momento podem ser redefinidas de acordo com interesses globais ou locais, seguindo a tendência dos estudos de Souza (2005), Haesbaert (2004), dentre outros referentes ao tema.

Temas atuais que são frequentemente vistos nos noticiários, como as revoltas árabes, os territórios do tráfico no Rio de Janeiro, a divisão do Estado do Pará, foram discutidos, sempre

se procurando relacionar ao contexto da Globalização, ressaltando que tais acontecimentos sempre existiram, mas que só são constantemente mostrados “ao vivo e a cores” devido ao avanço dos sistemas de comunicação e informação.

Em uma das aulas, solicitou-se que fizessem grupos de cinco alunos para pesquisar na *internet* a língua, a moeda e as características culturais e políticas de alguns países, para que na próxima aula cada grupo apresentasse a sua pesquisa e informasse o *site* em que pesquisou e a forma como encontrou os dados. Foi preciso orientar os alunos a não copiarem as informações da mesma forma como se está no *site* e utilizarem sempre as

referências e fontes da pesquisa no trabalho.

O uso sala de vídeo foi de fundamental importância para se alcançar os objetivos propostos. No local, foram expostos curtas metragens que retrataram os conteúdos de Geografia trabalhados em sala (Figura 5). O procedimento utilizado foi o de apresentar anteriormente um resumo sobre os filmes, informando também aos alunos o objetivo da aula de vídeo. Também foram oferecidos os endereços eletrônicos onde se encontravam hospedados os filmes, e isso ajudou muito os alunos antes e depois de assistir os vídeos.

Figura 5: Momentos da aula na sala de vídeo.



Autor: Alexsandro S. Souza.

No momento em que os filmes eram visualizados, buscou-se pausar em cenas importantes e chamar a atenção dos

alunos para os símbolos e mensagens passadas na trilha, correlacionando com os estudos anteriormente em sala de aula.

Foi proposto com a utilização da ferramenta de vídeo desenvolver a capacidade de abstração dos alunos para ler e identificar, através dos sentidos de audição e visão, a forma com que as imagens, os sons e os movimentos se relacionam para representar uma idéia e, a partir disso, levantar noções de interpretação e compreensão do assunto tratado.

Após o término, na aula seguinte foi aplicada uma atividade que consistia na escolha de um dos filmes vistos anteriormente para então elaborar um texto, onde os alunos correlacionavam a temática do vídeo com os assuntos estudados em Geografia. Foram, então, formados grupos de quatro alunos para a execução da atividade.

O método de avaliação seguiu o encaminhamento definido por Cereja, Fernandes e Estêvez (2007), como a abordagem “cognitivista ou construtivista”, que consiste no desenvolvimento do aluno, onde “o erro é analisado numa perspectiva de superação para melhoramento do conhecimento em construção” (ibidem, p.183), sendo que algumas atividades foram solicitadas para serem refeitas após orientação mais pertinente.

Foi deixada uma cópia do DVD com o professor titular da turma, que continha os filmes apresentados e outros

filmes que não deram tempo de apresentar, para que ele possa dar continuidade ao projeto e utilizar mais a sala de vídeo para passar os conteúdos de Geografia, de forma dinâmica e interessante.

Dentre os resultados obtidos, destaca-se o aprimoramento, por parte dos alunos, da percepção geográfica das imagens e dos sons que caracterizam o estudo proposto. A escrita e a forma como se pesquisa na *internet* também foi alterada, onde se buscou orientar novas formas de melhor escrever uma resenha de um filme e mostrar *sites* confiáveis para a pesquisa.

Sugestões para o futuro das aulas de Geografia na turma do 9º ano “A”

Conforme mencionado acerca da importância da utilização do vídeo em sala de aula, seria interessante e viável, dado o nível de envolvimento da turma, a produção de um filme a partir das ferramentas de informática, como o programa *Movie Maker*, que é de fácil uso e aplicabilidade. Com isso, haveria uma participação efetiva dos alunos na co-produção, com ideias extraídas dos vídeos anteriores e gravações feitas por eles mesmos de paisagens urbanas, rurais, problemas sociais, a partir de equipamentos como celulares, máquinas fotográficas, pesquisas na internet, etc. O professor poderia auxiliá-los na questão de

orientação e no manuseio da ferramenta de edição de vídeo.

Conforme o trabalho fosse sendo finalizado, poder-se-ia organizar na escola uma sessão de cinema voltado ao tema “Geografia” como ciência que estuda as relações do homem com a natureza, onde seriam apresentadas as ideias dos alunos e os vídeos elaborados a partir dessas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Meloni (2009), “a metodologia de projetos pode auxiliar os docentes na abordagem do conteúdo, auxiliando na exposição do mesmo e tornando as aulas mais interessantes aos alunos, fazendo com que estes participem da aula” (ibidem, p. 406)

Os resultados do projeto de intervenção se mostraram satisfatórios quando se refere à questão dos objetivos atingidos em tão pouco tempo de ação, uma vez que os alunos aparentaram mais práticos e participativos quando lhes foi dado o direito de escolher entre a forma e o recurso utilizado para a aula. Isso refletiu no seu desenvolvimento perante as atividades, embora que alguns alunos ainda necessitem de uma maior atenção individual.

A utilização dessa metodologia auxiliou na proposta de abordar um conteúdo que os alunos tinham dificuldade

em compreender e que o professor também não conseguia adequá-lo a uma proposta mais interessante para trabalhar com os alunos. Além dos recursos serem de fácil acesso, foi possível uma experiência cultural divertida, pois os próprios alunos desconheciam a possibilidade de aprender Geografia através do cinema.

A formação docente a partir da vivência na sala de aula da escola pública proporcionou um estudo *in loco*, valorizando as discussões pautadas entre teoria e prática desenvolvidas anteriormente no âmbito da universidade.

REFERÊNCIAS

- BOCK, Ana M. A psicologia da aprendizagem. In: TEIXEIRA, Maria de Lourdes; BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 3^o ed. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 114-132.
- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. (org.); CALLAI, Helena C.; KAERCHER, Nestor A. Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 83-132.
- _____. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? In: Terra livre. Paradigmas da Geografia parte 1. São Paulo, n.16, p. 133-152, jan. – jul. 2001.
- CEREJA, C. A. S.; FERNANDES, G. R. L.; ESTÊVEZ, L. F. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (org.). Prática de ensino

de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007, p.178-195.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 262 p.

LEANDRO, A. G. et AL. A prática de ensino e o estágio supervisionado na UEPB: reflexões a partir da formação docente. In: X ENPEG, 2009, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre-RS: AGB, 2009, 01 CD-ROM.

LEANDRO, A. G.; OLIVEIRA, M. M. de; MELO, J. A. B. de. Desafios do estágio supervisionado na formação do professor de geografia no Brasil. In: XVI ENG, 2010, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre-RS: AGB, 2010, 01 CD-ROM.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Tendência pedagógicas na prática escolar. In: Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1994, p. 53-75.

MALISZ, Sandra T. Estágio em parceria universidade-educação básica. In: PASSINI, Elza Y; PASSINI, Romão; Malysz, Sandra T. (Orgs.). Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007, p. 16-25.

MELONI, Adaliza. Projeto de intervenção no estágio supervisionado: A leitura da escala na construção do conhecimento cartográfico. In: X Semana de Geografia e V Encontro de Estudantes de Licenciatura em Geografia, 2009, São Paulo. Anais. UNESP, São Paulo, 2009, p. 399-407. PDF.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SAIKI, K.; GODOI, F. B. de. A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado.

In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (org.). Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 26-31.

SOUZA, Marcelo Jose Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de ET al. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. Elementos metodológicos para elaboração e realização. São Paulo: Libertad, 1999. (cadernos pedagógicos do Libertad, vol. 1).

VIEIRA, C. E.; SÁ, M. G. de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (org.). Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p.101-115.